

A Sexualidade do Casal: Um Possível Portal para o Reencontro

Keila Tres¹

Marli Kath Sattler²

Resumo

O presente artigo busca aprofundar a compreensão da relevância do âmbito da sexualidade para o indivíduo, e, especialmente, para a vida do casal. Parte-se do pressuposto que a sexualidade é um dos critérios basilares de noção de saúde, e, ao mesmo tempo, um dos elementos diferenciais da vida conjugada, em comparado com as demais relações sociais que estabelecemos na vida adulta. Considera-se a escassez de espaço para o diálogo em sociedade sobre o tema sexualidade, e com isso a necessidade imperiosa de tratarmos, sobretudo nas áreas da saúde, sobre o tema. Dentro deste contexto, surge a intenção de considerar a relevância da abordagem do assunto sexualidade em psicoterapia, considerando que se trata de um conteúdo nem sempre simples de ser trabalhado pelos profissionais. Neste sentido, são propostas algumas ferramentas possíveis para a instigação do tema em consultório e a conscientização da relevância deste aspecto como um dos pontos vitais para o tratamento do casal.

Palavras-chave: sexualidade, casal, psicoterapia, família, psicologia

The Couple's Sexuality: A Possible Portal to the Reunion

Abstract

This article seeks to deepen the understanding of the relevance of the scope of sexuality for the individual, and especially for the life of the couple. It starts from the assumption that sexuality is one of the basic criteria of the notion of health, and, at the same time, one of the differential elements of the conjugated life, in comparison with the other social relationships that we establish in adult life. It is considered the scarcity of space for dialogue in society on the topic of sexuality, and with that the imperative need to address the issue, especially in the areas of health. Within this context, the intention arises to consider the relevance of approaching the subject of sexuality in psychotherapy, considering that it is a content that is not always simple to be worked by professionals. In this sense, some possible

¹ Psicóloga Clínica, Especialista em Análise Transacional, Especialista em Sexualidade Humana, Membro da SBRASH, Educadora Parental certificada em Disciplina Positiva pelo PDA (Positive Discipline Association), Facilitadora de grupos e workshops.

² Psicóloga, Mestra em Psicologia Clínica, Docente, Supervisora e Membro da Coordenação do Domus, Orientadora do Trabalho de Conclusão do Curso de Terapia de Casal e Sexualidade.

tools are proposed for the instigation of the theme in the office and the awareness of the relevance of this aspect as one of the vital points for the treatment of the couple.

Keywords: *sexuality, couple, psychotherapy, family, psychology*

Introdução

Em 1975, a Organização Mundial da Saúde (2020) reconheceu pela primeira vez a sexualidade como fator determinante para o fortalecimento da personalidade do indivíduo. Nas décadas seguintes, fatores como a pandemia de HIV, a disseminação de outras infecções sexualmente transmissíveis, a violência sexual, a discriminação em razão de orientação sexual ou identidade de gênero e outros, demandaram a necessidade de maior atenção para a área da sexualidade como uma questão real de saúde pública, tema carente de promoção de políticas sociais multidisciplinares para cobrir um déficit fomentado pela dificuldade em olharmos para o fenômeno como sociedade.

Atualmente, a OMS define a saúde sexual como um dos pilares essenciais para a qualidade de vida do indivíduo e preconiza que a todo o cidadão seja garantido o direito à saúde sexual. Entretanto, para darmos passos em direção à concessão desta garantia ao indivíduo muitos movimentos se fazem necessários, já que estamos diante de uma lacuna histórica em nossa linha do tempo como sociedade, na qual assuntos envolvendo sexualidade ficaram relativamente proibidos (OMS, 2020; Lara, 2009).

Como sanamos esta demanda? A capacidade dos indivíduos para tomada de decisões de forma consciente e plena acerca de suas vidas sexuais depende diretamente do acesso a informações relacionadas ao tema. Por esse motivo, incentivos na área de pesquisa científica sobre o assunto, bem como a implementação de campanhas e políticas públicas informativas, são movimentos vitais para o processo de conscientização social e devem ser considerados como prioridade em ambientes de promoção de saúde e educação (OMS, 2020).

Quando consideramos a compreensão da sexualidade pelo viés existencial e subjetivo, estamos diante de um cenário profundo e complexo, que envolve múltiplos fatores: biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, culturais, religiosos e outros. Assim, a sexualidade deve ser compreendida como um fenômeno muito mais amplo do que a prática sexual do indivíduo, pois trata-se de um aspecto central do desenvolvimento humano, vivenciado de diferentes formas ao longo da vida, dependendo da fase de desenvolvimento e da realidade experimentada por cada indivíduo desde a infância (Freud, 1905).

Freud (1905) chocou a sociedade no início do século XX ao teorizar que o prazer e a sexualidade estavam presentes, de forma estruturante para a personalidade do indivíduo, desde o nascimento, se desenvolvendo ao longo da infância e além. E cá para nós, pode-se discordar da técnica psicanalítica, afinal a escolha do viés técnico é uma escolha subjetiva e pragmática do psicoterapeuta. Entretanto, a convivência em proximidade com o desenvolvimento de uma criança, aliada ao estudo atento da teoria de Freud, pode ser suficiente para que lhe demos o mérito da teoria e do papel que ele ocupou na história da psicologia.

A questão é que mesmo em se tratando de um tema que envolve este nível de complexidade e significância para a saúde mental/psíquica/emocional do indivíduo, ainda no século XXI, falar sobre

sexo e sexualidade trata-se de um desafio em ambientes cruciais para a promoção de saúde. Estudos mostram que muitos pais e mães deixam de dialogar sobre sexo com seus filhos por se sentirem incapacitados e envergonhados para tratar sobre o tema e, além disso, por acreditarem que incitar o assunto antecipará a prática sexual. Este círculo vicioso, oriundo de inúmeras gerações nas quais a deseducação sexual predominou, se perpetua e faz crer que nossos parâmetros de saúde sexual poderiam ser bem melhores, fator que impacta diretamente da dinâmica da vida a dois (Gonçalves, et al., 2013).

Quando consideramos o contexto proposto pelo artigo, o relacionamento do casal, a sexualidade constitui fator de fundamental relevância. Afinal, este é um dos principais fatores que diferenciam este tipo de relação de outros vínculos de intimidade. De acordo com Thorstensen (2017) “a sexualidade, para os terapeutas de casal, é parte inevitável de sua atuação profissional, pois a característica que define casamento e vida adulta em comum é a sexualidade, mesmo quando não há sexo na relação.” (p. 66)

Tendo em vista a relevância do tratamento da demanda sexual em consultório no tratamento com casais, a complexidade do assunto e a conseqüente necessidade de incremento de pesquisas na área, o presente artigo busca analisar o aspecto da sexualidade como caminho para a reconexão do casal. O estudo trata-se de uma revisão de literatura realizada através de levantamento bibliográfico, especialmente artigos científicos referenciados em bancos de dados eletrônicos e portais de periódicos da área da saúde disponíveis na *web*, como Scielo, PePSIC, Portal de Periódicos CAPES e Biblioteca Virtual da Saúde (BVS).

Assim, a intenção é provocar um novo olhar acerca do tema saúde sexual na vida do casal, partindo da importância da abordagem da temática em consultório com a dupla, refletindo o quanto a (in)satisfação neste quesito pode ser investigada como referencial de (des)harmonia no sistema da conjugalidade, e buscando compreender como o resgate da saúde sexual pode ser empoderado como caminho para o reencontro o casal. Para isso, analisaremos a importância da sexualidade na individualidade e na conjugalidade, entregando algumas possíveis estratégias para empreendemos um caminho terapêutico através desta via.

Desenvolvimento

Estimativas recentes da prevalência de disfunções sexuais masculinas e femininas são alarmantes, e demonstram a necessidade imperiosa de mais estudos e espaços de discussão sobre o tema sexualidade e seu impacto na saúde mental. Um estudo realizado em 2006 pelo Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP, que contou com uma amostra de 2.862 homens, maiores de 18 anos, estimou a prevalência de Disfunção Erétil em 45,1% dos participantes (Abdo, et al., 2006).

Outra pesquisa, uma extensa revisão sistemática sobre disfunções femininas, realizada em 2004, apontou uma prevalência de 64% de mulheres com disfunção do desejo, na qual 35% apontam disfunção de orgasmo, 31% disfunção na fase da excitação e 26% referem dispareunia. Outro estudo, realizado no Brasil, com uma amostra de 1.219 mulheres constatou uma prevalência de 49% com ao

menos uma disfunção sexual, sendo que 26,7% apresentaram disfunção do desejo, 23% dispareunia e 21% disfunção do orgasmo (West & Vinikoor, 2004 citado por Ferreira, et al., 2007).

Quando a OMS (2015) se refere à saúde sexual como um dos pilares fundamentais para a qualidade de vida física, mental, psíquica, emocional e social do indivíduo, é importante salientar que este conceito não está atrelado à mera ausência de doenças, disfunções ou enfermidades, e sim vinculado a um paradigma mais subjetivo e existencial: a potencialidade do sujeito vivenciar o pleno exercício de sua sexualidade, através da possibilidade de ter experiências seguras e prazerosas.

Geralmente, quando os casais chegam ao consultório, trazem inúmeros conflitos, como questões de dinâmica de organização da vida a dois, questões envolvendo a parentalidade na criação de filhos, situações de infidelidade, ciúmes, questões relacionadas às famílias de origem, e outras. Ocorre que, muitas das vezes, o tema da sexualidade do casal não surge como uma demanda direta, espontânea. Ou seja, é responsabilidade da(o) psicoterapeuta a proposição do tema em alguma das sessões iniciais, de acordo com a evolução do vínculo estabelecido com o casal.

Thorstensen (2017) relata sua percepção em relação à problemática da dificuldade das(os) psicoterapeutas na abordagem do tema sexualidade de forma direta no atendimento com casais. De acordo com a autora, muitos(as) profissionais manifestam restrições e constrangimento em falar sobre o tema com os pacientes, postura que acaba transmitindo aos casais a mensagem de que o tema sexualidade não deva ser trazido de forma aberta, apenas tangencialmente, prejudicando assim a escuta clínica sobre um dos principais pontos da vida do casal.

Cabe lembrar aqui, que psicoterapeutas também foram criados dentro da transgeracionalidade que perpetua a dificuldade de falar sobre o tema, e, infelizmente, a formação acadêmica ainda está dentro dos âmbitos deficitários no empoderamento da pauta, comprometendo o preparo dos futuros profissionais para lidarem com o assunto de forma contextual e significativa. O preparo e a confiança do(a) profissional, para lidar de forma ética e científica sobre sexualidade, afirmado na neutralidade, sem normatizar ou patologizar a experiência do casal ou individual transmite segurança para que o casal possa tratar abertamente da demanda, e assim buscar uma evolução terapêutica para essa parte, de forma contextualizada (Perdigão & Caldeira, 2022).

Na rotina do consultório, é comum que ao provocarmos o tema com o casal surjam muitas questões de insatisfação com a vida sexual conjugal que já existiam na fase “pré-crise”, ou seja, poderíamos inferir que a vivência da sexualidade de forma insatisfatória poderia configurar como um dos fatores que contribuíram ou agravaram a perda de conexão e de intimidade. É importante mencionar que vida sexual satisfatória é um fator subjetivo e pode significar inclusive ausência de sexo. A questão aqui se refere à satisfação vivenciada por cada um através da experiência da sexualidade, seja na relação a dois, ou em sua própria individualidade.

Quando falamos em sexualidade do casal é importante considerarmos que existem dois fenômenos coexistentes: os registros experienciais do desenvolvimento da sexualidade de cada um, ou seja, a bagagem que cada um traz de vivências anteriores (repertório sexual, traumas, *tabus*, medos, fetiches, questões de identidade de gênero, e outros), e o encontro destas duas histórias, que resulta em uma equação única, a dinâmica sexual entre o casal. Neste sentido, alguns pontos podem ser elencados para um bom prognóstico da saúde sexual do casal, como: o encontro da forma como cada

um lida com sua própria sexualidade (empoderamento da sua sexualidade), a qualidade de vínculo que estabelecem (apego/confiança/segurança), o nível de intimidade do casal, bem como o espaço seguro para uma comunicação clara e autêntica.

De acordo com Sattler (2005), assim como a família, o casal apresenta um ciclo próprio de desenvolvimento, que envolve fases que podem ser relativamente previsíveis, ciclos, nos quais existirão pontos mais críticos, etapas de transição e crises, situações que influenciarão a estabilidade do casal e induzirão mudanças na dinâmica da dupla. A sexualidade está implicada neste desenvolvimento da vida a dois e vai sofrer os impactos das diferentes fases, bem como será afetada por fatos circunstanciais da vida, como a perda de alguém amado, o nascimento de um filho, crises profissionais, questões envolvendo diagnósticos de saúde mental (como depressão e outros); conjunturas que podem mobilizar a dinâmica sexual do casal.

Considerando o desenvolvimento da vida do casal é importante nos atentarmos para o começo, época em que geralmente a sexualidade é vivenciada como fator positivo, a fase do apaixonamento ou enamoramento, na qual o desejo e a excitação estão em alta. Para Hintz (1999):

a fase inicial de um relacionamento caracteriza-se pela forte atração que um sente pelo outro, pelo desejo mútuo compartilhado, desejo de ambos tornarem-se apenas um só. Torna-se evidente a necessidade de que o sentir, desejar, compreender seja único e harmonioso. Não há espaço para as diferenças. Estas, quando surgem, são imediatamente negadas ou desconsideradas, a fim de que nada afaste um do outro. Não há solicitações para que o outro mude. É um estado de completa PAIXÃO. (Hintz, 1999, p. 33)

Na fase do enamoramento, o outro está idealizado, superestimado e o desejo pela conquista, pelo fusionamento, faz com que as diferenças e os desafios possíveis da vida a dois sejam negados, desconsiderados. Logo que a intensidade da fase da paixão ameniza, ou seja, no compasso que a necessidade de “hiper-conexão” abranda, começa a existir espaço para os sentimentos e expectativas de cada um, é quando as diferenças passam a ser percebidas no convívio do casal e os conflitos passam a ter espaço. (Hintz, 2009)

Perel (2009) contribui para a compreensão do fenômeno da evolução da sexualidade ao longo das mudanças de fase na vida do casal, e de acordo com ela, o ser humano tem duas necessidades básicas distintas difíceis de serem conciliadas: o anseio por intimidade/segurança e ao mesmo tempo a busca por desafios/novidades, adrenalina. Para a autora, o desejo de criar intimidade e sentir-se seguro acaba preenchendo a lacuna que era ocupada pelo erotismo entre o casal nas fases iniciais.

Assim, para Perel (2009), o resgate da sensualidade está relacionado à capacidade de recriar a lacuna de uma espécie de distanciamento, um espaço para o querer, ansiar pelo outro. O desejo exige uma inatingibilidade, ao contrário do que acaba acontecendo com muitos casais que se acomodam no conforto do amor, do verbo ter, esquecendo-se do espaço do querer, do inovar e seguir buscando novidades.

Diante deste cenário, propomos uma metáfora: imagine o desenvolvimento do casal como um campeonato de dança, no qual os ritmos vão se alterando a cada nova música, e os dançarinos são convidados a improvisar, descobrir que passos que podem dançar juntos para enfrentar o próximo desafio. O grande prêmio do casal seria a intimidade de confiarem que podem aprender a dançar juntos

outros ritmos e seguirem improvisando. Descobrir passos novos e aprender um com o outro, seria o encontro dos dois fatores: intimidade e novidade. Acontece que para isso é necessário empenho, flego e disponibilidade de acompanhar o passo do outro para que a dança siga sendo dos dois. E fazendo uso da metáfora, outro fator mostra-se um desafio importante: cada dançarino vem de uma escola cultural, com aprendizados totalmente diferentes, um aprendeu a dançar no Japão e o outro no Havaí.

Adentramos o tópico da transgeracionalidade: cada um traz uma bagagem histórica repleta de diferentes padrões de crenças que foram transmitidas de pais para filhos através de múltiplas gerações. Estes registros marcantes da história de cada um, mesmo muitas vezes conscientemente disfuncionais, exercem força no sistema familiar. Assim, a equação do descompasso gerado pelas diferenças combinado à capacidade de lidar com este desalinhamento transformando-o em potencial de construção de evolução em saúde emocional para o casal, vai resultar no potencial de harmonia deste sistema.

De acordo com Groisman (2000), são as relações vivenciadas em família, desde o nascimento, que resultarão nos futuros comportamentos do adulto, pois as experiências na família de origem impactam diretamente na qualidade dos relacionamentos que estabelecemos na vida adulta. Com a instituição de um casal surge uma nova identidade, que se estabelece a partir das interações combinadas pelo encontro dos dois mundos, que se modificam em sua subjetividade para a construção de um espaço da conjugalidade. (Willi, 1995)

Neste sentido, na prática clínica, alguns questionamentos podem servir de base para apoiar a compreensão da dinâmica do casal: como as gerações anteriores vivenciaram a sexualidade? Existiam segredos? Situações de abuso? Como lidavam com a nudez? Existia espaço para o diálogo sobre o sexo? Masturbação: proibido ou permitido? As respostas a estas perguntas trarão informações valiosas sobre a forma como o indivíduo vai lidar com a sua sexualidade, e com a permissão interna na busca pelo prazer. Para Hintz (2014) “a compreensão de como as questões que envolvem sexualidade e gênero são passadas de geração a geração influenciam a dinâmica conjugal é fundamental para o processo terapêutico de um casal”. (p.132)

Além disso, a sexualidade do casal também recebe o impacto da história que cada um construiu através dos ambientes que conviveu socialmente: significância da própria sexualidade, questões de gênero, experiências iniciais, experiências com outros parceiros, situações de abuso, capacidade de vínculo, confiança e intimidade. São pontos significativos, para os quais deve haver espaço em psicoterapia quando abordamos com mais atenção o tema da sexualidade, pois muitas vezes o casal desconsidera a relevância do impacto que algumas vivências marcantes do passado exercem no contexto do presente.

Quando o casal chega ao consultório, em regra a crise já está instaurada e as demandas já são múltiplas, sendo frequente o discurso da busca do espaço terapêutico como última alternativa antes de decidirem pela separação. Neste cenário, a vida sexual geralmente já se encontra comprometida, e os conflitos são tantos que os casais nem sempre trazem a sexualidade como um ponto a ser explorado, cabendo ao psicoterapeuta, observando o critério de vínculo e espaço para o assunto, trazer esta questão da vida sexual à terapia.

É evidente que como psicoterapeutas trabalharemos as questões trazidas pelo casal como demandas principais. Entretanto, o que o artigo busca provocar é a necessidade do olhar atento à

sexualidade como um dos pilares essenciais do tratamento. E mais, como uma possível via de acesso ao reencontro para que o casal esteja mais conectado, o que possibilitaria um prognóstico mais otimista para a possibilidade de trabalharmos as demais demandas existentes (Hintz, 2014).

Segundo Fleury & Abdo (2015), o casal que apresenta uma disfuncionalidade sexual sofre um forte impacto negativo que contribui, entre 50% e 75%, para o comprometimento da intimidade e da estabilidade conjugal. Na prática clínica, é fundamental que exploremos o histórico da vida sexual do casal, o que pode ser provocado com alguns questionamentos, como: “E como anda a sexualidade do casal?” (observar quem se manifesta primeiro, como é a “naturalidade x desconforto” para falar sobre o assunto); “Há quanto tempo a vida sexual não está bem?”; “O que estava acontecendo na época em que deixou de estar bem?”, “O quanto impacta na harmonia do casal o quesito da vida sexual não estar satisfatória para cada um?”.

As respostas podem divergir, e muitas vezes divergem, o que traz conteúdo a ser explorado, mostrando como cada um se sentiu e percebeu o fenômeno, abrindo espaço para o diálogo sobre o assunto, que muitas vezes não é tratado com naturalidade pelo casal. As perguntas podem suscitar informações preciosas para o atendimento, pois a sexualidade satisfatória (lembrando que não existem parâmetros pré-estabelecidos para isso) é um dos fatores vitais para a diferenciação da vida a dois, diante dos demais relacionamentos que estabelecemos na vida adulta.

A partir da abertura para o diálogo sobre sexualidade entre o casal, encontraremos cenários diversos, entre eles, duas possibilidades principais: a questão sexual já era insatisfatória pré- crise ou a sexualidade ficou prejudicada ao longo da crise. Essa construção em psicoterapia possibilita que o casal acesse a sexualidade como um portal, que pode levar a alguns caminhos se ambos estiverem abertos a construir: pode surgir como um novo universo a ser descortinado (explorar uma nova vida sexual a dois), pode servir de apoio ao processo de reconstrução daquilo que não está bom (reconexão através da vida sexual que deixou de ser empoderada pela crise), ou pode ser um misto dos dois, resgate do que já era bom, buscando inovar e redescobrir novas possibilidades.

O acesso ao conteúdo de padrões transgeracionais na área da sexualidade também apoia e mobiliza a capacidade de *insight* do casal, possibilitando que reflitam sobre padrões e crenças que podem estar limitando o caminho para uma vivência com mais plenitude de sua sexualidade. Neste sentido, o genograma sexual consiste em uma excelente ferramenta que foi proposta por Hof e Berman (1986) e consiste num incremento ao genograma tradicional sugerido inicialmente por Bowen (1991/1979).

Trata-se de um instrumento que, utilizado em sessão, possibilita a construção de um diagrama familiar com fins de auxiliar o processo de coleta de dados sobre o sistema multigeracional, seus padrões, estrutura e funcionamentos. A utilização da ferramenta que à primeira vista, pode parecer simples, tem o potencial de apoiar fortemente o processo de *insight* para os pacientes, uma vez que traz a transgeracionalidade posta de forma relativamente linear, com os padrões clarificados de uma forma diferenciada daquela que estamos habituados a encontrar nos caminhos da nossa memória, ou na rotina das dinâmicas relacionais do dia a dia com os vínculos familiares.

A aplicação do genograma sexual contribui para uma compreensão maior de padrões culturais e familiares que são transmitidos através das gerações e o uso da ferramenta possibilita uma facilitação

do processo terapêutico, tanto para terapia de casal, como individual ou familiar. A utilização do instrumento permite que o casal revise os fatos vivenciados e compreenda as origens de alguns funcionamentos, possibilitando assim a construção de novos padrões de interação, baseados em escolhas mais saudáveis (Hintz & Forgearini, 2012).

Autores referenciados na área, Master e Johnson (1981), descreveram em quatro fases o ciclo de resposta sexual que compõe um ciclo linear, igualmente perceptíveis para homens e mulheres: excitação, platô, orgasmo e resolução. Quando observamos os casais que chegam em crise ao consultório, na maioria das vezes, o relacionamento está com baixa conexão sexual ou quando está presente, ocorre em descompasso e acaba não sendo prazeroso para alguma das partes. Assim, é possível observar que os parceiros se mostram desconectados para a largada de uma experiência prazerosa a dois, ou seja, poderíamos inferir que a fase mais afetada para esta dupla seria a excitação, já que o próprio começo e procura do(a) parceiro(a) parece ser um movimento que não merece esforços. A não gratificação reduz a busca pela repetição.

É neste ponto que a psicoterapia de casal pode ser um diferencial em relação ao aspecto da sexualidade, pois quando o casal já associa que o sexo não tem mais o potencial de trazer a conexão, ou seja, não se trata mais de um evento prazeroso o suficiente ao ponto de ser provocado, a dinâmica fica prejudicada. A psicoterapia entra como um espaço importante de escuta, com uma mediação eficaz para o diálogo claro e autêntico.

Conclusão

Considerando as reflexões propostas pelo artigo, concluímos que a sexualidade é um dos pilares fundamentais para o bem-estar da vida de qualquer indivíduo, e, conseqüentemente para a vida do casal, que oferece ainda os desafios de uma combinação harmônica de padrões e potenciais para lidar com as diferenças e circunstâncias que a vida apresentará. O contexto aliado aos resultados de estudos importantes que mostram a incidência alarmante de disfunções sexuais em ambos os sexos, mostram que precisamos inserir essa pauta urgentemente em ambientes sociais, de saúde, educação e outros.

No que tange o espaço da psicoterapia, trata-se de um local protegido, onde o casal pode encontrar um ambiente seguro, para comunicar sem as escaladas de acusações habituais, presentes no sistema que já não funciona com naturalidade. A proposta é o reencontro e a conexão do tema sexualidade com as demais demandas que acontecem na rotina, que certamente são também merecedoras de atenção e tratamento. A grande pergunta que se coloca quando um casal chega à psicoterapia, muitas vezes, é: É possível reconectar? O que acreditamos é que este assunto não possa ser tratado sem abordarmos a questão da sexualidade envolvida. É possível que não tenha relação? É, mas na grande maioria das vezes, a sexualidade estará implicada na demanda, mesmo que seja como objeto de reflexo prejudicado. Considerando isso, o encontro deste portal, pelo casal, como apoio da psicoterapia, pode aliviar as demandas, e por isso merece lugar especial de escuta e desenvolvimento.

Referências

- Abdo, C. H. N., Oliveira Jr., W. M. O., Scanavino, M. T., Martins, F. G. (2006). Disfunção erétil – Resultados do estudo da vida sexual do brasileiro. *Revista Associação Médico Brasileira*, 52(6), 424 – 429. Retirado de: [https://bvsmis.saude.gov.br/bvsmis_digital/is_0107/pdfs/IS27\(1\)010.pdf](https://bvsmis.saude.gov.br/bvsmis_digital/is_0107/pdfs/IS27(1)010.pdf)
- Belous, C. K., Timm, T. M., Chee, G., & Whitehead M. R. (2012). Revisitando o genograma sexual. *The American Journal of Family Therapy*, 40, 281-296. Retirado de: [file:///C:/Users/KEILA/Downloads/Revisitando%20o%20genograma%20sexual%20-%20Tradu%C3%A7%C3%A3o%20M%20C%20Pauleti%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/KEILA/Downloads/Revisitando%20o%20genograma%20sexual%20-%20Tradu%C3%A7%C3%A3o%20M%20C%20Pauleti%20(1).pdf)
- Bowen, M. (1978). *La terapia familiar em la práctica clínica*, (v. 1). Editorial Desclee de Brouwer.
- Bowen, M. (1991). *De la família ao individuo*. (Original publicado em 1979). Paidós.
- Caramaschi, S. & Senem, C. J. (2017). Concepção de sexo e sexualidade no Ocidente: Origem, história e atualidade. *Barbarói*, 49, 166-189, jan./jun. Retirado de: <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.6420>
- Ferreira, A. L. C. G., Souza, A. I., & Amorim, M. M. R. (2007). Prevalência das disfunções sexuais femininas em clínica de planejamento familiar de um hospital escola no Recife, Pernambuco. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 7, 143-150. <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/6Z9qJGkPpvBtGzng76tnMPb/?format=pdf&lang=pt>
- Fleury, H. J., Abdo, C. H. N. (2016). Terapia de casal para superar disfunções sexuais. *Diagn Tratamento*, 21(1), p. 45 - 48.
- Freud, S. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. VII*, (ed. 1976). Imago.
- Gonçalves, R. C., Faleiro, J. H., & Malafaia G., (2013). Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. *Holos*, 29(5), 251-263. DOI:10.15628/holos.2013.784
- Groisman, M. (2000). *Família é Deus: Descubra como a família define quem você é* (1ª ed.) Núcleo Pesquisa Eldorado.
- Hintz, H. C. (1999). Dinâmica do casal. *Pensando Famílias*, 1(1), 31-40. Retirado de: <https://domusterapia.com.br/wp-content/uploads/2019/10/PF1A.pdf>.
- Hintz, H. C. (2014). Genograma sexual. In C. M. O. Cerveny, *O livro do genograma* (1ª ed.) (pp. 131-145. Roca.
- Hintz, H. C. & Forgearini, B. C. (2012). Genograma sexual: Uma estratégia de intervenção em terapia de casal. *Pensando Famílias*, 16(1), 91–110. Retirado de https://domusterapia.com.br/wp-content/uploads/2021/03/PENSANDOFAMILIAS16_-n1_Genograma_Sexual_Uma_Estrategia.pdf
- Hof, L. & Berman, E. (1986). The sexual genogram. *Journal of Marital and Family Therapy*, 12, 39-47. Retirado de: <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.1986.tb00637.x>
- Lara, L. A. S. (2009). Sexualidade, saúde sexual e medicina sexual: Panorama atual. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, 31(12), 583-585. Retirado de <https://doi.org/10.1590/S0100-72032009001200001>
- Lima, S. M. R. R. (2021). Considerações sobre hormônios e sexo. *Arquivos Médicos dos Hospitais e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo*, 66, e015. Retirado de <https://doi.org/10.26432/1809-3019.2021.66.015>
- Masters, W. & Johnson, V. (1981). *A conduta sexual humana*. Civilização Brasileira.

- Organização Mundial da Saúde. (2015). *Sexual health, human rights and the law*. Retirado de: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/175556/9786586232363-por.pdf>
- Perdigão, M. S. & Caldeira, P. C. (2022). Conversando sobre sexo: Desmistificando a sexualidade em psicólogos. In A. Sardinha, (Org.). *Aplicações práticas do baralho da sexualidade* (p. 31). Sinopsys Editora.
- Perel, E. (2009). *Sexo no cativoiro – Driblando as armadilhas no casamento*. Objetiva. Editora Oikos.
- Schulz, C., & Colossi, P. M. (2020). A transmissão transgeracional dos modelos conjugais. *Pensando Famílias*, 24 (1), 45-66. Retirado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100005
- Silva, B. M. (2019). Orgasmo feminino: Influência fisiológica e comportamental. Trabalho de Conclusão do Curso de Farmácia-Bioquímica da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo. Retirado de <https://repositorio.usp.br/directbitstream/b1cb9e6d-ec88-4215-8913-0534bf270040/3050130.pdf>
- Thorstensen, S. (2017). Psicanálise de casal e sexualidade: Um certo desencontro. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(2), 65-76. Retirado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2017000200005
- Willi, J. (1995). A construção diádica da realidade. In M. Andolfi, C. Angelo, & C. Saccu, (Orgs.). *O casal em crise* (pp. 38–46). Sumus.

Endereço para correspondência

psicokeilatres@gmail.com

Enviado em 25/11/2022

1ª revisão em 30/11/2022

Aceito em 05/12/2023